

Sucessão, preocupação de Cardoso

Com a renúncia de Franco Montoro, para assumir o governo de São Paulo, o Estado terá, em vez de um, dois novos senadores em Brasília: Severo Gomes e Fernando Henrique Cardoso, um ex-ministro revolucionário e um ex-exilado, um ex-subscritor de ato de cassação de um ex-cassado. Hoje, ambos estão no PMDB, onde Severo Gomes faz parte da ala "moderada" e Fernando Henrique Cardoso é apontado como um dos líderes do setor mais à esquerda, dentro do partido.

Fernando Henrique Cardoso, um cientista político, já tem planos definidos a respeito de sua futura ação parlamentar, que pretende desenvolver em três níveis distintos: na ação política propriamente dita, a nível legislativo e na mobilização da sociedade civil.

"Existem temas institucionais da maior importância — diz Fernando Henrique — que serão tratados no Senado, com alguns componentes novos: após as eleições, haverá um novo Senado, com mais funções políticas. Assim, haverá exigência de uma nova ação política."

Ele acredita que os primeiros temas a serem levantados serão a sucessão presidencial e as reformas institucionais defendidas pelas oposições, a começar pela convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte. "Ora, tudo isso exige trabalho de articulação."

Fernando Henrique Cardoso acredita, por outro lado, que "para se alterar o atual sistema, é necessário alterar também a representação, porque não se pode, por exemplo, ganhar no voto e perder na maioria do Congresso Nacional, como acontece hoje".

O voto do analfabeto, a reforma tributária, a questão da soberania da Federação são temas que estão na pauta do novo senador paulista, que também entende "ser chegada a hora de se começar a resgatar a dívida social, com a reorientação das políticas sociais e públicas, no sentido da não-repressão".

Ele quer, também "sindicatos mais fortes e autônomos", e uma nova legislação para a zona rural e agrícola. "Houve uma transformação agrícola enorme no Brasil — argumenta — e não houve a respectiva atualização legal". Fernando Henrique Cardoso diz não entender, também, a figura do senador como "um ser em Brasília e de Brasília" mas, ao contrário, como um indivíduo "participante, com atividade intensa junto ao partido e junto à sociedade civil".

"O importante, agora — acrescenta —, é fazer com que o governo se abra, para que o movimento social tenha onde desembocar".

Severo Gomes, ao contrário de Fernando Henrique Cardoso, está sem tempo para falar sobre sua atividade política: nos últimos meses, teve mui-

tos problemas a enfrentar. Um deles foi a greve na Tecelagem Parahyba, de sua propriedade, por atraso no pagamento dos empregados. O outro, dos bancos, que começaram a negar crédito à sua empresa. Além disso, ainda veio o Partido dos Trabalhadores, acusando o senador eleito do PMDB de "mau padrão".

Logo que foi escolhido como candidato ao Senado pelo PMDB, e ainda nas salas que alugara no Anhembi, Severo Gomes comemorou com uísque, *petit-fours* e pratos quentes a votação obtida, o que valeu à sua "ala" no local das convenções a denominação, dada pelos próprios companheiros de partido, de "Severo Hilton".

Depois, na campanha, ele fez suas promessas: defendeu a renegociação da dívida externa, a estatização de empresas, a "mobilização do povo, sem o que não existe independência", o incentivo ao mercado interno, para evitar exportações "a preços vis" e o ensino gratuito, além de atacar Carajás e o programa nuclear brasileiro.

Numa de suas últimas aparições como ministro do governo Geisel e ainda como filiado à ex-Arena, Severo Gomes chegou a confessar que estava com "preguiça". Hoje, sistematicamente ele sai de seus escritórios, na Tecelagem Parahyba, às 5 da tarde e encerra o expediente.